

A RAZÃO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Director e Editor, DR. DAVID DE OLIVEIRA

Redacção e Administração, Rua de Francisco Agra, 4

Guimarães, 9 de Novembro de 1923

N.º 42 do 1.º Ano

Comp. e impressão, Empresa de Publicidade - FALE

Caluniadores, não

Em seus últimos números, o «Comércio» e o «Ecos» todos se ayespinharam só porque, na secção «Será possível?», interrogamos se o fornecimento de energia eléctrica teria influido — em certo órgão monárquico local — na maneira de atacar os republicanos, a ponto de os tratar com carinho e até... com meiguice.

Ora como nos referimos indistintamente, deitando cálculos, a pergunta confirma-se, ao vêr quem melhor soube enterrar a carapuça.

— Se no verão não tiverem fornecimento de energia, a causa explica-se: falta d'água.

Mas... em chegando o inverno, a vêr vamos quem com acções e não com palavriados, desmente a veracidade que deixamos transparecer da pergunta, pergunta que um correligionário vosso nos pediu para fazer.

Portanto, senhores do «Ecos», se realmente caluniadores existem — empregando a epigrafe do «Guardanapo» do Conde Barão ou sejam 3 qq de tanger burros esses caluniadores são correligionários... vossos.

Água, muita água

Dizem-nos, à última hora, que se a Associação dos Bombeiros Voluntários ainda não destacou os piquetes para os teatros, é devido à insuficiência da água para as bocas de incêndio.

Julgamos assim ser, e já que conseguimos dos snrs. Empresários a aprovação da nossa justa campanha — a ponto de terem feito a requisição dos respectivos piquetes — apelamos agora para o Ex.º Vereador das Águas, pedindo a acumulação desta nos dias de espectáculo, para que amanhã não tenhamos de presenciar um espectáculo horrroso como os muitos que o telegrafo diariamente nos traz ao conhecimento.

EXPEDIENTE

Indo dar-se início à cobrança das assinaturas do segundo semestre, pedimos a todos os nossos assinantes que satisfaçam prontamente as respectivas quantias pelo que lhes ficaremos muito reconhecidos.

LÊDE E PROPAGAI

«A Razão»

Ditaduras

Em longo artigo publicado no «Ecos de Guimarães» e em que se pretende fazer mais um hino à ditadura, apontam-se os raros benefícios, já colhidos pelos nossos vizinhos, da acção do ditador Primo de Rivera. Não nos cuega o tempo — os «Ecos» saíram tarde — para uma detalhada análise da defesa apresentada pelo sr. Vasco Tovar, contudo, não queremos deixar sem resposta algumas das afirmações por sua excelência feitas.

Logo no *introito*, dá-nos o autor uma definição talentosíssima de pistoleiros. Não a conhecíamos e, por isso, ficamos varadinhos. Segundo o autor do artigo a que me refiro, pistoleiro é o individuo sem escrupulo ao serviço do sindicalismo para consumação de atentados terroristas. Tem sua graça a coisa, que pelos modos deve vir no... almocreve das pètas.

Não digo que me mereça louvores o pistoleiro; nada disso. Digo só que nem todo o pistoleiro é sindicalista ou agente de sindicalistas. Bem o deve saber o sr. Tovar. O general prendendo pistoleiros, tanto prendeu os pistoleiros políticos, como prendeu os que se davam à limitada e reles função de saltadores de estrada. Ora, assim é que está bem. E nisso nunca éle se arrependa, a vêr se os segura a todos. Se conseguir fazê-lo, então todos nós bradaremos: aquilo sim; foi como gato em ninhada de ratos. Mas só então.

E se ele não se atirasse aos pistoleiros, diz o articulista; trairia a sua missão de ditador. Estamos de acordo. Mas em que país é necessario um ditador para prender os que fogem à lei? Desgraçada terra essa. Cá tem-se éles prendido sem mais do que a intervenção de qualquer cabo de ordens.

Bem sei que andam muitos á solta; mas a culpa não se deve, pela certa, á falta de um ditador. E prova-se com o que se dá em Espanha: os assaltos, políticos ou não políticos, ainda se dão. Será falta de cabos de ordens? Talvez não; talvez seja a falta de ditadores, dirá o articulista.

Posto isto, diz ainda o artigo em referencia, *«é verdade tambem — e isto é que doe aos nossos politicos — tomou outras medidas, realizadas algumas, outras em estudo...»* Este bocadinho de prosa vale ouro. As tais medidas em preparação devem ser de chôco bem demorado se repararmos na dificuldade que tem em se fazerem realidades.

E, contudo, Primo de Rivera marcou um praso de 90 dias para virar o mundo espanhol de pernas para o ar. Não se pense que quem isto escreve julga possível uma transformação social num abrir e fechar de olhos. Não, senhor. Só queremos frisar a *espanholada* do ditador, que a nosso vêr nem em 90 dias nem em 90 semanas fará nada de geito.

Entre as medidas tomadas e a tomar, as quais o sr. Vasco Tovar nos cita como coisa de nos deixar estarecidos, nada vemos em que transpareça o elevado espirito do reformista, a nobre silhueta do legislador.

Por exemplo: Renuncia aos vencimentos concedidos aos ministros; comparencia do pessoal militar nos postos; obrigação do pessoal militar se conservar fardado quando em serviço; serviço militar obrigatório e sua redução a 2 anos; supressão de comissões no estrangeiro, questões do inquilinato, dos transportes, das subsistencias, etc., etc.

Lastimo não me chegar nem o tempo nem o espaço para transportar para aqui tudo o que fez e quer fazer o Snr. Marquez de Estela. Mas esta amostra já basta. O resto irá depois.

¿ Que ha aqui de mirabolante, de grandioso, de sublime?

E que nos fica de pasmoso, se lhes disser que preeminente e mais util, que é o que requer mais agudêza, mais sagacidade, como seja o problema das subsistencias e do inquilinato e dos transportes, e outros pelo ditador enunciados, não tem sido tratado, não tem ainda passado de promessas, cuja execução tem sido adiada e ainda ha pouco sofreu novo adiamento: inquilinato, subsistencias, etc., até 31 de Dezembro ficará tudo como dantes. E o que nos vão dizendo as gazetas, que comentam o caso dizendo que o illustre general pretende ganhar tempo. Que fica, tirando isto da obra colossal do super-homem?

Suprimir o juri que *«nem fortaleceu nem acreditou, nem simplificou e nem sequer deu independencia á administração da justiça.* E daí?

Perfeitamente de acordo

Ignotus diz no «Ecos de Guimarães» que jornalistas dignos de tal nome não são aqueles que descem «ao insulto soez, ás delações semi veladas da vida pessoal e ás referencias desrespeitosas».

Perfeitamente de acordo!

Porem, quando alguém desce, como vários correligionários seus o tem feito, áquale insulto, áquelas delações e áquelas referencias, mórmente se se referem a entidades altamente colocadas e com as mais graves responsabilidades, (citemos o caso do snr. B. C.) justissimo é que, uma vez para castigo, os defensores dessas entidades as defendam, fazendo da pena não apenas cacete, mas tão somente *chicote* para que esse alguém se não gabe de ter reduzido ao silencio, com a sua lógica bafafa, os antagonistas.

Assim temos procedido, lançando depois «ao mais completo desprezo, os insultadores».

Como vê, *Ignotus*, inteiramente de acordo!

Orfeon de Guimarães

Depois do triunfo alcançado no Porto, em que Guimarães se elevou e o nosso Orfeon parecia principiar a marcar no meio orfeónico, nunca mais ouvimos nada a seu respeito, nunca mais nos constou que o nosso grupo coral desse sinais de vida.

E' de lamentar, causa-nos até tristeza, a perda desse belo organismo, porquanto o considerávamos uma das melhores escolas de educação, em arte e culto pela música.

¿ Porque teria acabado o Orfeon, se é que acabou?

Não o sabemos, nem o desejamos saber. O que se impõem, é que todos os orfeonistas o façam de novo reviver, para seu bom nome e para o bom nome da terra.

Dr. Alfredo Fernandes

Já se encontra felizmente livre de perigo, o Ex.º Snr. Dr. Alfredo Fernandes, digno Presidente da Camara desta cidade, que ha dias ia sendo vitima de um desastre ocasionado pela derrapage do seu automovel, na estrada de Braga.

«A Razão» apresenta os seus cumprimentos e deseja-lhe pronto restabelecimento.

Continua.

RIDENDO...

DOIS HOMENS

Crónica Sportiva

No «Equus» de 28 do fardo, o sr. P. A. vem com o artigo «A Inocencia» a querer que os outros porfiem na sua religião. Nós já assim fazemos e faremos.

— Oh sr. reverendo P. A., será coerencia haver tanto padre vindo com a creança e com os filhos da sobredita, pobres coitados que não podem ter Paes a s. m. da Lei Católica?

Será coerencia haver tantos reverendos que se locupletam com as mulheres dos outros?

Será coerencia haver tantissimos reverendos odiosos e odiosos que não perdão, não esquecem, e que saem tanto, tanto, tanto das normas evangelicas que causam escandalo e muitas vezes tão grossos sarilhos? Oh, sr. P. A., o sr. não o será, mas é e hr tantos Frei Tomaz!!!

— O das «Distracções» quando andava a distrair-se viu tantas coisas... credo... Mas oh hominho, então a Lei do Divórcio é má por isso?

Que diabo terão as calças da Lei com as armações que com ela ou sem ela, para al abundam?

O melhor, V. M., é deixá-las gosar. E os que lhe sentirem os... gócos que lhes ap. iquem o cavale marinho, que para o efeito é realmente de mais efeito que o Divórcio. E nada de affigir que os pentes estão cada vez mais caros.

— O illustre «Ignotus» parece que pegou no nosso artigo «Enfim» e o virou ás avessas.

Ora vamos lá. O «Ignotus» diz que reapareceram e apareceram diversos jornais em Guimarães, de ha três anos para cá, entre eles «A Razão», e que juntamente surgiu uma quantidade de jornalistas (?) que não são correctos. Isto diz respeito à «Razão», claro como água. Ora pela minha parte tenho a dizer a «Ignotus» que se ha má-creações (???) no «Ridendo», a causa vem da pessima-creação que certos jornalistas (???) trauliteiros usam para com a Republica e os seus homens.

«Ignotus» não conhece o aforismo, «para vilão, vilão e meio»? Portanto não se admire. Sejam os snrs. jornalistas de verdade, e o «Ridendo» acabará, e Ledece irá para a luta de princípios, até com lutas e smoking.

Não somos «caceteiros» como diz. Ilude-se, porque nós unicamente nos defendemos dos ataques desleais dos trauliteiros.

Ora pois.

— Oh filhos, um bocadinho só das «Visões que passam». A febril amásia tinha olfações de perfumes naturais. O velho magríz quiz vingar-se. Pegou nos bitafes e com parvalez desnublou-lhe a alma.

Destruí-lhe os vapores das orlas palpebrais e com a perseguição inconsultível do ruinoso sexo matou-lhe o génio viril...

Mas para que entrou ele lá?

Quem o mandou lá entrar?

Se lá estava o mítone, não podia vingar-se como o noctivago. Tudo em vão... dão... dão... dão... dão... pum-pum.

Oh entusiasmo ideal!!!

Novembro de 1923.

LEDECE.

Assinaí a «A Razão»

O simplotitulo deste artigo é uma opposição a toda a especie de messianismo politico que se pretende fazer a propósito do regresso do sr. dr. Afonso Costa á actividade politica. Em Portugal, a deniro da politica republicana, não ha apenas um homem capaz de governar e de dominar a situação, ha muitos e haverá cada vez mais á medida que as necessidades da nação exigem o seu aparecimento. Em todos os períodos da nossa historia, como na historia de todos os países, são as crises nacionais que fazem aparecer os homens a quem o povo confia a defesa dos seus direitos e interesses. Mas não pretendemos fazer um artigo com ares de erudição nem sequer tratar agora o problema politico português sob um aspecto doutrinario: desejamos apreciar o momento nacional tal como ele se apresenta a todos os cidadãos portugueses e dizer algumas palavras acerca dos dois homens que estão em foco — Antonio Maria da Silva e Afonso Costa. O primeiro, tendo sido chamado ao poder numa situação gravissima em que os proprios partidos politicos não tinham quasi uma existencia segura, estando o governo á mercê do primeiro facil pronunciamento devido á indisciplina que lavrava, conseguiu, graças á sua grande energia, á sua intelligencia, ao seu tacto e á autoridade que adquiriu, restituir ao abrigo de surpresas e de aventuras, normalizar emfim a vida publica do país. O segundo, tendo sido o estadista que realizou até hoje na Republica uma obra mais valiosa e definitiva — embora seja a mais discutida — prontificase a vir tomar conta do governo no momento precisamente mais difficil. Estes dois homens merecem a consideração do país inteiro — um pelo esforço que empregou durante quasi dois anos para tornar possível uma situação em que se possa administrar com garantias de ordem, o outro aceitando o encargo de vir governar no momento mais grave, quando a crise economica e financeira atingiu o seu periodo agudo.

O sr. Antonio Maria da Silva não deve contudo ser encarado apenas como o homem que desarmou revoluções e manteve a ordem. A sua obra, mesmo sob o ponto de vista administrativo, é absolutamente notavel e digna do maior lou-

vor. É preciso não esquecer que quando ele subiu ao poder vivia-se sem orçamento discutido e aprovado havia cerca de 4 anos. O sr. Antonio Maria da Silva fez votar o orçamento, pôs em ordem as contas do Estado e procurou, fazer face ao deficit, fazendo aprovar as primeiras leis tributarias. É a prova de que a sua obra foi inspirada no maior patriotismo e nas conveniencias da Nação é que s. ex. governou sempre com o Parlamento aberto e com a colaboração leal, por vezes dedicada, das opposições. Durante esse periodo realizaram-se dois grandes acontecimentos que tiveram o seu eco e significação no estrangeiro: o glorioso feito da nossa aviação maritima e a visita do sr. dr. Antonio José de Almeida ao Brazil. E perante o mundo inteiro, Portugal que principiava a desacreditar-se como um país de revoluções e pronunciamentos, aparece cheio de prestigio, com um governo que se estabiliza a ponto de se tornar o mais antigo da Europa. Realiza-se a seguir, com grande successo, uma operação de credito inteiro e tudo se prepara para um periodo de maiores facilidades. Mas reaberto o Parlamento, o sr. Antonio Maria da Silva vê-se não apenas diante de difficuldades que seriam até certo ponto naturais e legitimas levantadas pelas opposições elementos do seu partido. Desde essa hora, no espirito do illustre homem publico deve ter-se arreigado o sincero desejo de abandonar o poder. Só o seu grande patriotismo e o receio de tirar maiores embaraços á vida do País e do regime o devem ter forçado a manter-se no governo, embora lhe não faltasse o apoio da opinião publica, e possuisse todos os meios necessarios para se manter. Cedendo com a melhor vontade o seu lugar, nesta altura, ao sr. dr. Afonso Costa, o sr. Antonio Maria da Silva completa a sua obra com uma bela e nobre attitude. Oxalá o Partido Republicano Português saiba, daqui em diante, cumprir melhor o seu dever, e consiga dar ao sr. dr. Afonso Costa um apoio firme e caloroso.

O sr. dr. Afonso Costa, pelo simples facto de aceitar o poder no momento talvez mais difficil da vida portuguesa nos ultimos anos, mostra quanto eram injustos aqueles que afirmavam

que o eminente estadista só voltaria a governar quando o país vivesse em maré de rosas, para sem risco e sem esforço colher facilmente louros. Desde que a vida politica portuguesa se normalizou e que o chamam a cumprir o seu dever o sr. dr. Afonso Costa não hesita, embora as difficuldades e os perigos da hora presente sejam os maiores. O país reclama neste momento os serviços de todos os portugueses que possam dar-lhos com alguma utilidade. Podia acaso o sr. dr. Afonso Costa, com as suas responsabilidades e com a dedicação patriotica e republicana que todos lhe reconhecem, recusá-los? Nem os seus mais encarniçados inimigos lhe farão a injuria de o supôr. Era necessario que as circunstancias se dispusessem de modo que o regresso de s. ex. á actividade politica não pudesse ser tomado por ninguém como um passo para recuperar uma situação politica perdida ou como a reabertura de um periodo de lutas partidarias. Só como homem de competencia, de estudo e de realizações o sr. dr. Afonso Costa deseja oferecer de novo a sua actividade ao país, confiando em que por esta forma poderá encontrar boa vontade da parte de todos os portugueses e o apoio por parte dos republicanos, sem distincção de partido. É pelo menos assim que nós encaramos a situação e é assim que a vêem todos aqueles que não são movidos por paixões de qualquer natureza. Se o sr. dr. Afonso Costa viesse pôr-se á frente de um partido ou de uma facção não se compreendia o seu tão longo afastamento nem a oportunidade do seu regresso agora. E a sua obra, por muito alto que seja o seu valor e muito valiosa a sua experiencia, não poderia ter a extensão nem a eficacia que a situação presente exige. O sr. dr. Afonso Costa, qualquer que seja o ministério que organize, vem para fazer uma politica nacional, serena, elevada, digna do seu nome illustre e da confiança que nele depositou, respeitando a indicação da maioria parlamentar, o sr. presidente da Republica.

(Transcrito do «Mundo», de 4 do corrente.)

No passado domingo, 4 do corrente, jogou com o Braga Sport Club, o seu primeiro jogo para o Campeonato do Minho, o primeiro onze de Victoria. A victoria coube ao Braga por dois goals a um.

O desafio que foi interessantissimo pelo bom jogo que nele se fez, veio mostrar á evidencia o valor inegavel da equipe vimaranense.

Embora tenha ficado derrotado, é fora de duvida que o Victoria jogou bastante melhor que o seu antagonista.

Não nos agradou a arbitragem, que em nosso entender, muito prejudicou o grupo vimaranense.

O Team do Victoria jogou somente com 10 jogadores, porque por um lamentavel e indisculpavel engano só 10 equipas seguiram para Braga e o arbitro se opoz a que jogasse qualquer jogador sem ir devidamente uniformizado.

Apesar desta manifesta inferioridade, o Victoria não desanimou, jogando muito regularmente e mantendo durante todo o desafio um certo dominio sobre o seu adversario, não tendo conseguido vencer em virtude de grande infelicidade no remate.

No proximo domingo jogará o Victoria com o Sporting, presumivel campeão do Minho.

Convencidos estamos que o grupo vimaranense se apresentar em campo com todos os seus elementos, muito dará que fazer ao esplendido grupo bracearense, sendo difficil calcular o resultado de tal desafio.

* * *

Trabalha-se afanosamente na constituição em Guimarães de teams infantis de foot-ball. Fazemos votos para que se vençam todas as difficuldades que por ventura apareçam e se consiga a organização desses teams infantis que além de muito contribuir para o desenvolvimento das creanças, é a melhor maneira de dentro em poucos anos termos magnificos jogadores de foot-ball.

É pois conveniente que as direcções dos clubs vimaranenses, prestem todas as facilidades aos organizadores de tais teams.

* * *

Estamos informados que lavra grande entusiasmo nos meios sportivos vimaranenses pela efectivação do campeonato dos sports atleticos, organizado pelo nosso jornal.

Devido á invernia da epoca não podemos desde já indicar a data da realização desta prova, mas iremos aqui dando varias informações que nos pareçam ser uteis aos concorrentes.

No proximo numero poderemos já indicar quais as provas de que, naturalmente, se compõe a festa.

VIMATO.

Fernandes Guimarães & Irmão, Sucessores

RUA DA REPUBLICA, 88 a 92 --- GUIMARÃES

DEPOSITO DA POLVORA DO ESTADO

Vidraria, cristais e louças. Tinta, óleos, vernizes e cimento. Artigos para caçadores.
Grande sortido em serviços de louça, para mesa, chá, café e lavatorio

PREÇOS SEM COMPETENCIA

V A G O

Quereis vestir bem e pelos ultimos figurinos? Visitai a

Alfaiataria Progresso da Moda

— DE —

Gaspar Lopes Ribeiro

Rua da Republica, 93 - 97
GUIMARAES



GUARDASOLARIA VIMARANENSE

DE—

Martins, Faria & C.^a, L.^{da}

51, Largo do Prior do Crato, 54 — (Junto ás escadinhas)

Deposito de guardasois e chapéus. Concertam-se os mesmos
Vendas por junto e a retalho

Casa Penhorista Vimaranesse

Fundada em 1880

Propriedade de PEIXOTO, ROCHA & C.^a
Legalmente habilitados

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de crédito

Rua da Republica, 144 — GUIMARAES

Antiga Casa Alemã

DE

Cardoso & Irmão

GUIMARÃES

Modas e miudezas
Fazendas brancas
LANIFICIOS

Antiga Mercearia e Confeitaria

DA PORTA DA VILA

DE

Antonio de Sousa Guise

Deposito de Vinhos da Companhia Vinicola e Aguas Sameiro

24, Rua da Republica, 28 — GUIMARAES

Ferragens, Cutelarias e Pentes

DE

A. J. Ferreira da Cunha

38, Praça D. Afonso Henriques, 39 (Toural)

Vendas por junto e a retalho

GUIMARÃES

SERRALHERIA MECANICA E CIVIL

— DE —

Antonio Gonçalves Coelho

Vigamentos, cofres, casas fortes, gradeamentos, veios, chumaceiras, tambores, etc.

EXECUTA-SE QUALQUER TRABALHO DE TORNO E FUNDIÇÃO

Largo da Republica do Brazil, 21

"A RAZÃO"

Semanario Republicano

ASSINATURAS

PUBLICAÇÕES

Semestre. 500 centavos

Anuncios e comunicados, contracto especial

Numero avulso 20

Ao Cidadão